

O COMILÃO

Dedicado à Dona Wanda (minha mãe)

Podia ter inventado uma história qualquer e ficaria livre daquela tarefa.

Porém, naquele momento, estava completamente entediado com a rotina estafante da base e resolvi aceitá-la.

Não seria nada complicado.

Apenas faria uma patrulha pelas fronteiras espaço territoriais com quatro garotos a bordo: os sobrinhos do capitão.

Só um passeio turístico com os garotos. - Me disseram.

Inauguraria um modelo de nave interceptadora recém aprovada nos testes.

Material novo e caro que as Forças Aero Espaciais Terranas havia adquirido.

Sem dúvida era muito veloz e bem armado, talvez o melhor que eu já pusera as mãos até o momento.

Nada se comparava a ele.

Após as instruções sobre os cuidados que deveria tomar pilotando, recebi meus passageiros.

Confesso que na hora fiquei assustado, mas, quem não ficaria vendo quatro crianças amarradas à camisas de força sendo conduzidas em fila indiana por um sargento durão.

O sargento bateu continência e me apresentou meus novos companheiros de viagem.

-Estes garotos são uns capetas. Não os solte de maneira alguma. Nem mesmo um batalhão inteiro de debilóides me deu tanto trabalho.

Olhei bem para o rosto do sargento e não percebi nenhum traço de humor ou sarcasmo.

Muito pelo contrário, o homem estava bastante sério.

Agradei os conselhos e acomodei os meninos dentro da nave, na cabine dos passageiros.

Sentei-me diante dos painéis de controle da cabine de pilotagem, acionei as turbinas e, após receber a confirmação da torre, levantei vôo.

Logo estava fora da atmosfera da Terra e percebi que os garotos estavam pasmos com o que viam pela janela da espaçonave.

Resolvi me apresentar para quebrar o gelo:

-Meu nome é Dan Desafiador. Como se chamam vocês?

-Meu nome é Perry!

-Eu sou Buck!

-Eu me chamo Flash!

-Eu sou Luke.

Observei os garotos.

Até aparentariam crianças normais caso não estivessem amarradas em camisas de força.

-Por-que deixaram vocês assim?

-Andaram inventando coisas horríveis sobre nós e o tio resolveu aplicar um castigo.

- Disse Flash com a maior tranquilidade do mundo.

-Hummm... A velha história. - Retruquei.

-Dessa vez é verdade. Aquele sargento maluco não vai com a nossa cara. -

Complementou Perry.

-Isso deu para notar.

-Mas é verdade! Ele é meio biruta.

Nesse ponto eu não podia discordar.

Já conhecia o sargento a anos e, como muitos outros, era testemunha do que a disciplina militar fez com os miolos do homem.

Então, com a típica voz de criança inocente, Buck perguntou:

- O senhor não vai deixar a gente aqui desse jeito durante toda a viagem, vai?

Imediatamente, o anjo bondoso que habita o lado direito do meu coração se manifestou...

Olhei as carinhas inocentes daqueles garotos e não pude resistir.

Deixei os controles e fui desatar as camisas de forças que prendiam aquelas pobres crianças.

Comecei pelo Perry que era magrelo e tinha cabelo escuro.

Desamarrei o segundo dos meninos o Flash. Que era mais forte e tinha cabelos louros.

-O senhor é um cara legal seu Dan. Não é como o sargento que é um biruta.

-Bom! Às vezes eu também fico biruta quando fazem bagunça em volta de mim.

Buck foi o terceiro. Também tinha cabelo escuro e era forte.

-Ei Seu Dan. Vamos encontrar os matadores do espaço na nossa viagem?

-Matadores do espaço? - Indaguei eu sem nem imaginar o que isso seria.

-São uns punks feiosos. Eles têm uma frota só de naves piratas muito bem armadas...

Assim que se livrou da sua camisa, juntou-se aos outros garotos que estavam atrás de mim.

Por fim, foi a vez de Luke, que o tempo todo passou sorrindo enquanto eu o soltava.

Que haveria ele visto por trás das minhas costas?

Depois que desatei os meninos, imediatamente já me senti com a consciência mais leve.

Então, olhei para trás e descobri o motivo da alegria de Luke.

Dentro da cabine de pilotagem, os outros três estavam debruçados sobre o painel de controle da espaçonave.

-Parecem os video-games lá de casa. - Dizia Flash. - Para que servirá este botão vermelho?

Um dos outros garotos não exitou e apertou o botão esperando que algo acontecesse.

Fui ver o que ele havia feito e logo percebi que, com aquele simples apertar de botão, a programação do computador havia se alterada o que mudou a velocidade que estávamos e a rota pré-estabelecida.

Tirei-os de cima do painel enquanto ainda tentava rapidamente consertar o estrago feito.

Infelizmente não consegui.

Buck descobriu o armário onde eram guarddas as armas e, alegremente, tentou fazer alguns testes de tiro no interior da espaçonave.

-Ei, seu Dan. Estas armas aqui funcionam como as da Star Trek?

-Buck! Não mexa aí.

Não tive tempo de fazer nada. Um finíssimo raio azul saiu do cano da arma atingindo o fecho do armário de emergência. Este, por sua vez, se abriu jogando para fora o extintor de incêndio que havia no seu interior.

Flash que estava perto do lugar onde o extintor havia caído, resolveu aproveitar o ensejo e ver se este realmente funcionava.

Um jato de espuma cobriu o meu rosto e, por alguns segundos não pude ver mais nada, apenas ouvi a algazarra que a garotada promovia dentro da sala de comando.

-Flash Gordon ataca com todas as suas forças um perigoso matador do espaço.

BOF! CRAS! CLANG!

-Eu não sou um matador do espaço, saia de cima de mim.

Senti duas mãozinhas removerem a camada de espuma que havia sobre meus olhos.

Era Perry.

-Ei Sr. Dan. Apertei mais algumas vezes aquele botão vermelho e não descobri para que ele serve. O senhor me mostra?

Quando olhei ao meu redor, fiquei impressionado com a destruição que aqueles quatro garotos conseguiram fazer ali em tão poucos minutos. O pior era que, a cada segundo que se passava, a situação ficava pior.

De-repente, as sirenes começaram a emitir um rugido infernal.

O alerta vermelho havia sido automaticamente acionado pelos computadores.

O susto paralisou completamente os quatro garotos.

Levantei-me e procurei verificar a causa do alerta e o que havia sobrado do painel de controle.

Estávamos completamente fora de curso e controle.

Para piorar ainda mais a situação, a espaçonave estava sendo puxada pelas forças gravitacionais de um gigantesco planeta.

Tentei recoloca-la no curso, porém, para minha maior infelicidade, os controles estavam todos travados.

Sem muita esperanças de remover a trava que os prendiam, não perdi tempo e acionei o transmissor de pedido de socorro.

Verifiquei a nossa posição pelo computador e quando descobri o nome do planeta onde estávamos caindo, quase apavorei de vez: Antares IV

Antares IV era um planeta recém descoberto.

Pouquíssimas vezes fora explorado, pois, para sobreviver ali, o sujeito além de estar muito bem armado e protegido, tem de ficar em constante estado de alerta pois, todas as formas de vida ali são extremamente perigosas.

Como disseram os poucos que lá estiveram:

-Mesmo o inferno não poderia ser pior.

Tentei mais uma vez remover as travas dos controles.

Meu tempo cada vez se escasseava mais.

Via aquela imensa bola crescer na tela enquanto os garotos, atrás de mim, ignorando a gravidade da situação, faziam guerra com bolos de papel higiênico molhados.

A queda em direção àquele mundo continuava ininterrupta. Já era possível enxergar a cor verde daquelas florestas mortais.

Com os controles travados, eu já estava começando a achar que nem teria chances de enfrentar os perigos de Antares IV já que a nave despencava incontrolavelmente com o nariz apontado diretamente para o solo.

Porém, nos últimos minutos que restavam da queda, um dos bolos de papeis aos quais me referi anteriormente foi jogado em cima do painel e, como ele estava molhado houve um curto circuito que soltou diversas faíscas.

Milagrosamente então, como que por encanto, recuperei os controles da espaçonave.

No último instante, consegui desviar o nariz do chão e fiz um vôo rasante pela área.

Tentei ganhar altura, porém, alguma coisa me impedia de fazê-lo já que o altímetro não mudava sua indicação.

Instintivamente olhei para trás e, ao ver a algazarra dos garotos descobri o motivo pelo qual não conseguia me estabilizar na altitude desejada: Luke havia fechado a válvula que controla os manobreadores.

Tentei sair da cadeira para fazer o reparo, mas não seria possível.

Teria de preparar a nave para uma aterrissagem de emergência.

Muito pouco consegui erguer o nariz da espaçonave e ganhei o chão com

velocidade absurda.

Com esta pequena porém significativa manobra, consegui evitar que a espaçonave atingisse o solo com suas partes mais vulneráveis.

A barulheira foi infernal.

Os segundos que a nave levou até parar completamente pareceram durar uma vida inteira!

Todos ficamos zonzos com as chaqualhadas que tomamos, mas, ainda assim ouvi:

-Faz de novo?

Cansado, e com os braços completamente doloridos por ter tentado controlar a aterrissagem, consegui reunir forças para sair da poltrona.

Os quatro estavam amontoados uns nos outros.

Não sei como, peguei dois pelas golas das camisas em cada mão e tratei de escapar logo pela saída de emergência.

Com um chute bem dado na caixa de plástico que fica ao lado da porta, consegui acionar o mecanismo que nos deu passagem de acesso àquele mundo hostil e cruel.

Hávamos caído num deserto de areia e ventava horrores.

Coloquei os garotos sob as asas da nave e voltei para o interior desta para colher provisões e armamento pesado.

Ao sair, já notei que não poderíamos escapar daquele mundo sem ajuda.

A espaçonave que nos trouxera alí afundava depressa na areia e, além dos estragos causados pela queda, milhares de pequenos seres luminosos se grudaram ao nariz dela e começaram a devorar todo o seu metal.

Os garotos já aparentavam estar melhor.

Nenhum se machucara.

Distribuí óculos e a carga entre eles, obriguei-os ainda a beber um pouco de água.

Abandonamos o que restara da espaçonave à própria sorte e desejei que o meu pedido de socorro que ficaria sendo transmitido ininterruptamente até os devoradores de metal o silenciarem, fosse ouvido por alguém.

Caminhamos no meio da ventania infernal durante horas.

Os garotos não reclamavam nem aparentavam cansaço, muito pelo contrário, pareciam se divertir com aquilo tudo.

-Ei seu Dan. Quando encontraremos algum bicho feio para atirar nele?

Eu havia dado algumas armas de fácil manuseio para que os garotos se defendessem caso não pudessem mais contar com a minha presença.

-Vocês tratem de ficar quietos. Já aprontaram um bocado hoje. Aquela espaçonave era novinha. Se sairmos vivos daqui ainda terei de enfrentar um problemão: explicar todo o ocorrido no relatório. O que que eu vou dizer?

-Fácil! - Respondeu Flash. - Diga que fomos atacados pelos matadores do espaço.

-Ei seu Dan! O senhor não vai falar pro tio que não nos comportamos direitinho, vai? - Perguntou Buck com a cara mais inocente do mundo.

la dar uma tremenda bronca na pivetada alí mesmo, mas, coração mole como sou, acabei ficando sem ação.

-Comportem-se daqui para frente e verei o que fazer.

A ventania foi diminuindo até que, horas mais tarde pudemos levantar acampamento para passar a noite.

Para montar a barraca foi um pesadelo.

Os garotos faziam guerra entre si e quem ficava com os olhos, cabelo, nariz e boca cheios de areia era eu.

Estava estranhando que até o momento nós não tivéssemos sido ameaçados por nenhuma das formas de vida nativas de Antares IV quando uma nuvem de areia começou a se erguer do chão perto de onde foi montada a fogueira.

Peguei a minha pistola de raios e os meninos fizeram o mesmo.

Dalí, saiu um bicho enorme com aproximadamente uns cinco metros de altura.

Tinha a forma de uma gota e, na cabeça, acima dos olhos muito grandes e saltados, uma espécie de broca que ficava girando ininterruptamente.

Os braços e pernas do monstro eram muito finos, mas, a boca era muito grande.

Certamente, duas vezes maior que um grande tubarão branco dos oceanos da Terra.

Disparamos todos ao mesmo tempo contra aquela coisa, mas, para o nosso maior azar, os raios oriundos das armas, por mais mortíferos e destrutivos que fossem, aparentemente nem cócegas faziam no monstruoso alvo.

Com passos pequenos e rápidos, aquele ser veio em nossa direção.

Abriu a bocalha e, de dentro dela saiu uma língua assustadoramente cumprida que se enrolou em Perry e levou-o para o interior daquele monstro aparentemente faminto.

Depois de engolí-lo de uma só vez, deu ainda um arroteo que quase arreventou os tímpanos de todos alí.

Vendo o alvoroço que aquela criatura causou entre todos dei um grito:

-Meninos! Atenção!

Em seguida, o monstro foi embora da mesma forma que veio.

Antes porém, ele conseguiu falar com uma voz grossa:

-Meninos! Hummm.....

-Temos que sair daqui. Podem haver outros deste.

Nos arrumamos e saímos daquele local o mais rapidamente que pudemos

Caminhamos mais algumas horas e, desta vez montamos acampamento em cima de várias pedras que encontramos nas montanhas que faziam uma fronteira física com aquele deserto.

Com aquela broca que o monstro tinha na cabeça, ele talvez pudesse abrir caminho por aquele chão rochoso, de qualquer forma, deixei o mini canhão preparado para qualquer eventualidade, por pior que ela fosse.

Para distrair os garotos, peguei o meu baralho e comecei a ensinar algumas pilantragens nas cartas para eles.

O tempo passou e, na hora do jogo, acabei sendo vítima dos truques que havia lhe ensinado.

Tudo quanto era safadeza, aprendiam e desenvolviam rapidamente.

Coloquei-os para dormir e, eu mesmo tirei alguns breves, porém atentos cochilos (como se isso fosse possível...) até o amanhecer.

Logo cedo, todos tomamos um breve café, depois, juntamos e incineramos o nosso lixo

Após este breve período de descanso, ouvi um som familiar:

-Meninossss...

Nem foi necessário pensar. Era o monstro feioso.

Corri com o canhão portátil que já estava pronto para o serviço, fiz mira e só esperei o bocalha se aproximar mais do acampamento.

-Venha receber o que merece, bastardo maldito.

Apertei o gatilho e tive o prazer de ver o projétil explodir na barriga daquela coisa medonha.

Porém, ainda tive o desprazer de constatar que o bicho feioso continuava de pé sem nenhum arranhão e avançando em nossa direção.

Fiquei meio pasmo, afinal, o poder de fogo daquela arma era superior até ao das pistolas de raios anteriormente utilizados.

Flash naquele momento se manifestou:

-Já sei como matá-lo, seu Dan. Tenho aqui uma pedra de kriptonita que comprei baratinho através do serviço de reembolso postal do gibi do superman.

E o garoto não perdeu tempo.

Eu bem que tentei impedi-lo, mas, ele pegou a pedra na mão e foi na direção do bicho feio gritando.

-Morra verme asqueroso! Caia ante o poder da kriptonita.

O monstro não se fez de rogado, lançou sua língua em direção do garoto, enrolou-o, e engoliu-o assim como fizera anteriormente.

-Meninossss. Hummm...

Cego de raiva, saí do lugar onde estava entrincheirado e disparei uma salva de raios no meio dos olhos do monstro.

Nada consegui! Ele foi embora tão tranqüilamente quanto veio.

Me voltei para os garotos e estes lançavam um olhar de desespero em minha direção.

Teria tentar algo melhor se houvesse uma próxima vez.

Resolvi sair daí.

Andamos horas a fio, logo, os dois garotos se esgotaram com a caminhada.

Montamos novo acampamento.

Ao redor dele, preparei armadilhas dos mais diversos tipos.

Se o monstro conseguisse passar por elas, usaria nele bombas inter-dimensionais.

Elas, transportariam o monstro para outra dimensão.

Não havia usado esta arma antes pois era muito perigosa.

Corria o risco de criar um buraco negro que acabaria com tudo que houvesse por ali.

Comprimimo-nos na barraca e os garotos finalmente conseguiram dormir.

Fiquei montando guarda dando uma cochilada vez por outra.

As horas passavam lentamente e, para me manter acordado passei a tomar estimulantes em dose maciça.

Então, notei que os campos elétricos criados pelas armadilhas foram acionados e logo destruídos.

Era o monstro comilão.

Com ares de felicidade ele se aproximava da barraca.

Joguei uma das bombas inter-dimensionais nele, e esta explodiu ao entrar em contato com a barriga dele.

Porém, como as outras armas, esta também não surtiu efeito algum.

Saí da barraca disparando com as armas que tinha na mão.

Também nada adiantou.

Um tapa dos bracinhos finos do monstro porém, me jogou longe...

Caído no chão, eu o vi destroçar a barraca e engolir um dos garotos, o outro, ele certamente pretendia devorar mais tarde.

E do mesmo modo que das vezes anteriores, o monstro logo que o engoliu desapareceu.

Luke era o último dos meninos.

Coloquei-o nas costas e corri o máximo que minhas pernas permitiam.

Além dele, carregava comigo algumas armas.

Mais tarde, voltei a andar. Deveria poupar forças para uma nova corrida caso aquele monstro comilão aparecesse.

-Viveremos, seu Dan?

-Devemos manter a esperança até o fim. Quem sabe, alguém tenha ouvido o pedido de socorro e ainda apareça aqui para nos salvar.

Dizia aquilo, porém, minhas esperanças de sobreviver a um novo ataque daquela coisa eram quase nulas.

Se conseguisse nos manter fugindo e vivos, ainda era muito.

O tempo passou e novamente o monstro apareceu.

Desta vez, corri como um louco.

E o monstro, seguia correndo atrás de mim.

Suas perninhas eram curtas, finas e negras, porém a velocidade que desenvolviam era espantosa.

Não sabia mais onde conseguir forças.

Mesmo assim, por quase meia hora, consegui manter uma distancia razoável daquele bicho, só que, como em todas as histórias que por aí aparecem, uma hora tinha que acontecer e eu acabei tropeçando.

Mandei que o garoto corresse e tentasse se salvar, mas, a língua do monstro agiu pondo fim à desesperada fuga.

Frustrado, fiquei deitado no chão pensando se não haveria um meio de ter salvo os quatro garotos de fim tão trágico.

As lágrimas escorriam do meu rosto.

Não sabia se era de raiva ou tristeza.

Só sabia de uma coisa, quando o maldito monstro aparecesse, eu iria finalmente por fim a existência dele.

Tirei do bolso da calça uma esfera prateada do tamanho de um ovo.

Era uma poderosa bomba capaz de dizimar todo aquele maldito planeta.

Quando o comilão desgraçado me enrolasse em sua língua, eu acionaria o detonador.

Poderia matá-lo agora, mas, queria ter a certeza de que a bomba explodiria dentro dele.

Continuei deitado na areia até que o monstro reapareceu...

Como das outras vezes, ele chegou dizendo:

-Meninos... Meninos...

Segurei firmemente a esfera esperando pela chegada da morte.

E o que aconteceu a seguir me surpreendeu.

O monstro caiu no chão e começou a vomitar um líquido grosso e amarelado.

No meio dessa gosma, vieram os garotos, que, por incrível que possa parecer, ainda estavam vivinhos da silva.

Mas, o mais surpreendente de tudo, foi a disposição com que eles saíram de dentro do monstro comilão.

Começaram a chutá-lo até que este se levantasse de novo e saísse correndo apavorado com aquela criançada terrível.

-Corra covarde! - Gritava Perry

-Cuzão! Babaca! - Berrava Flash a plenos pulmões.

O inevitável aconteceu e todos caímos na gargalhada.

Não sabia como eles conseguiram sobreviver tanto tempo dentro do comilão.

Esse era um enigma para os biólogos e médicos posteriormente resolverem.

Na minha simples e modesta opinião, aqueles quatro demoniozinhos devem ter causado uma tremenda indigestão no comilão.

Uma coisa eu então tive certeza.

Com aqueles quatro garotos ao meu lado, não teria com o que me preocupar em Antares IV até a chegada do salvamento.
